



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**

ADRIANA MARTINS DOS SANTOS

O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE JOHN SEARLE

CAMPINA GRANDE-PB

2011

ADRIANA MARTINS DOS SANTOS

O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE JOHN SEARLE

Trabalho de conclusão de Curso Apresentado ao curso de Graduação de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Carlos Eduardo de Sousa Lyra

CAMPINA GRANDE -PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237p

Santos, Adriana Martins dos.

O problema da consciência na perspectiva de John Searle. [manuscrito]: /Adriana Martins dos Santos. – 2011. 15 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me. Carlos Eduardo de Sousa Lyra, Departamento de Filosofia”.

1. Consciência Mental 2. Inteligência Artificial 3. Subjetividade I. Título.

21. ed. CDD 153

ADRIANA MARTINS DOS SANTOS

O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE JOHN SEARLE

Trabalho de conclusão de Curso Apresentado ao curso de Graduação de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em 05/12/2011.

BANCA EXAMINADORA:

Carlos Eduardo de Sousa Lyra
Prof. Ms. Carlos Eduardo de Sousa Lyra (UEPB) – (Orientador)

Francisco Diniz de Andrade Meira
Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira (UEPB) – (Examinador)

José Nilton Conserva de Arruda
Prof. Ms. José Nilton Conserva de Arruda (Examinador)

O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE JOHN SEARLE

Aluna: Adriana Martins dos Santos¹

Orientador: Prof. Carlos Eduardo de Sousa Lyra²

RESUMO

A filosofia da mente tem se ocupado, nas últimas décadas, em resgatar a investigação sobre a consciência, tendo em vista que esta foi, por muito tempo, negligenciada pelos estudiosos da mente, que, por sua vez, encontravam dificuldades em conciliar os métodos objetivos da ciência com a subjetividade dos estados mentais. Neste sentido, o crescente interesse pelo estudo da consciência é evidenciado pelos avanços no campo da neurociência e também pelos estudos sobre inteligência artificial; contudo, os métodos epistêmicos utilizados ainda têm dificuldades em contemplar as características intrínsecas da consciência, como a intencionalidade, a qualidade e a unidade, que possuem um estatuto ontológico subjetivo na concepção de consciência defendida por John Searle. Ao considerar a consciência como o fenômeno mental central, Searle sugere uma séria revisão dos pressupostos da tradição materialista acerca do problema mente-corpo, de modo que se possa conciliar o estudo científico da consciência com o seu caráter ontologicamente subjetivo e irreduzível. Este artigo tem, portanto, o objetivo de apresentar a noção de consciência na visão do filósofo John Searle.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da mente – Consciência – Estados mentais – Subjetividade – Intencionalidade.

ABSTRACT

The philosophy of mind has been busy in the last decades, to recover the research about consciousness, having in mind that this was long neglected by researchers of the mind, which, in turn, found difficulties to reconcile the objective methods of science with the subjectivity of mental states. In this sense, the growing interest in the study of consciousness is evidenced by advances in neuroscience and also by studies on artificial intelligence,

¹ Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

² Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais – DFCS/UEPB.

however, the epistemic methods still have difficulties to contemplate the intrinsic characteristics of consciousness, such as intentionality, quality and unit, which have an ontological status in the subjective conception of consciousness defended by John Searle. When considering consciousness as the central mental phenomenon, Searle suggests a serious review of the assumptions of the materialist tradition about the mind-body problem, so that we can reconcile the scientific study of consciousness with its character ontologically subjective and irreducible. The purpose of this article is presenting the notion of conscience in the sight of the philosopher John Searle.

KEYWORDS: Philosophy of mind – consciousness – mental states – Subjectivity – Intentionality

1 INTRODUÇÃO

Na visão de John Searle (2006), o filósofo deve se investir de paciência e refutar, ponto a ponto, toda tradição que herdamos do problema mente-corpo.

O autor admite que o dualismo mente-corpo apresentado por Descartes possuía legítima utilidade na época em que foi concebido. Para o século XVII, a divisão em *res cogitans* e *res extensa* viabilizava a solução de problemas filosóficos relacionados à teoria do conhecimento. Porém, a divisão entre o que é da ordem do mental e o que é da ordem do físico fez com que o estudo da subjetividade e da consciência ficasse de fora do escopo sistemático da ciência moderna, que, por sua vez, é baseada em métodos objetivos de observação, mensuração e elaboração de hipóteses e teorias. Do ponto de vista epistemológico, a ciência tradicional nos condiciona a uma investigação na perspectiva de terceira pessoa, considerando esta última como o único meio de responder de modo aceitável às questões científicas. Segundo Searle (2006, 2010), a visão tradicional do problema mente-corpo contribuiu para manter o problema insolúvel, tendo consequências negativas para a maneira como se investiga o tipo de relação que a consciência mantém com o cérebro.

Como vimos, Searle (2006) se refere à tradição criada pelos materialistas em volta de concepções e pressupostos metodológicos que se tornaram comuns tanto na linguagem falada como na escrita. Um desses pressupostos, o de que “a realidade é objetiva”, nos direciona apenas para estudos objetivos, excluindo toda investigação científica sobre a mente e a consciência. Assim, observar objetivamente o comportamento e relacioná-lo a

processos cognitivos que ocorrem na esfera do mental não é o mesmo que estudar a consciência em seu estado subjetivo.

De acordo com Searle (2006), a negligência intelectual pode ser o fator que mais tem contribuído para a conservação do dualismo. Este fator também privilegia o materialismo, incluindo todas as correntes científicas e filosóficas que se servem da citada divisão mente-corpo, acomodando-nos, com o passar do tempo, numa visão que separa o mental do físico, fazendo com que nos acostumemos a considerar que algo que seja mental não possa ser físico, mas apenas algo relacionado ao espírito. Segundo Searle (2006), o interesse pelo estudo científico da consciência é recente, apresentando alguns avanços nos últimos vinte anos; antes disso, neurocientistas, filósofos, psicólogos e cientistas cognitivos continuavam relutantes, engessados em conceitos reducionistas ou pouco produtivos. É somente na virada do século XX para o século XXI que começam as primeiras tentativas de resolver, de fato, o problema da consciência (Searle, 1998).

2 O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA

John Searle, na tentativa de solucionar o problema da consciência, começa por expor uma visão filosófica da questão. Esta se divide em duas formulações: (1) a consciência é causada por processos neurobiológicos que ocorrem no cérebro (no nível dos neurônios e sinapses) e (2) este mesmo fenômeno mental se apresenta como uma característica de ordem superior do próprio cérebro (Searle, 2006; 2010). Na visão de Searle, esta é a solução mais adequada para o problema da consciência, uma vez que tal solução é compatível com as teorias evolucionistas da biologia e com o conhecimento da física atual acerca da teoria atômica da matéria, se mostrando coerente também com as ciências que admitem a existência de uma relação causal entre o funcionamento cerebral e a consciência.

Em outras palavras, podemos afirmar que o ponto chave indicado pelo autor na busca de uma definição biológica para a consciência refere-se à *causa* e a *características*. Ao se referir à causa, Searle (2006, 2010) enfatiza os eventos neurobiológicos, como as taxas variáveis de disparos neuronais em diferentes áreas do cérebro, que são formadas por estímulos oriundos de impressões gerais recebidas do mundo em nossa volta e, posteriormente, são convertidas em estímulos elétricos, os quais são conduzidos entre os neurônios por reações químicas através das sinapses. Desta forma, os processos

neurobiológicos de nível inferior do cérebro causam processos conscientes. É neste sentido que Searle afirma que:

Acima de tudo, a consciência é um fenômeno biológico. Devemos concebê-la como parte de nossa história biológica comum, junto com a digestão, o crescimento, a mitose e a meiose. Porém, embora seja um fenômeno biológico, ela tem algumas particularidades que não são observadas em outros fenômenos biológicos (SEARLE, 2006, p.2).

Num segundo momento, o filósofo mostra que esse processo causal é uma ação de baixo para cima, provocando a emergência de características de nível superior, que são atribuídas ao próprio cérebro. Tais características, por sua vez, não podem ser reduzidas ontologicamente ao nível original dos neurônios e sinapses, uma vez que as funções mentais superiores possuem uma ontologia própria, de primeira pessoa. Assim, a consciência se apresenta como um fenômeno ontologicamente subjetivo e irreduzível (Searle, 2006; 2010). A investigação sobre a consciência é, de fato, muito importante para o objetivo de conhecer a natureza do ser humano e, neste sentido, tal objetivo não pode ser realizado sem levar em conta o caráter ontológico irreduzível daquela. A afirmação de que a realidade é objetiva, mas que parte dela é subjetiva, é defendida por John Searle (2006), portanto, como base fundamental de suas investigações.

Searle ainda aponta algumas críticas às abordagens tradicionais acerca do problema mente-corpo, que, segundo ele, em sua maioria reduz ou suprime os aspectos e características da consciência. Estas críticas são dirigidas, sobretudo, ao behaviorismo – que se limita a observar o comportamento do indivíduo, em termos de estímulos e respostas, tratando os estados mentais apenas como disposições para comportamento – e também ao funcionalismo – que estuda a mente considerando os estados mentais como estados computacionais, os quais, por sua vez, buscam explicar os estados mentais como um programa específico de um sistema funcional que se caracteriza por receber informações (input) do meio, processá-las e dar respostas (output) comportamentais adequadas, o que caracterizaria uma espécie de inteligência artificial. Desta maneira, a mente humana poderia ser concebida como um programa de software e o cérebro como um computador digital. Para Searle, embora o funcionalismo tenha apresentado bons resultados para desenvolvimentos no campo da Inteligência Artificial, este método de estudo não serviria para investigar estados conscientes em mentes humanas, pois não são suficientes para explicar o que causa a consciência.

3 DEFINIÇÃO DE CONSCIÊNCIA

De acordo com Searle (2006, 2010), a palavra “consciência” deve ser bem definida dentro do contexto objetivado, sendo necessário especificar o conceito de maneira que não permita ambigüidades, o que levaria a confundi-la com outros fenômenos.

Como vimos anteriormente, Searle (2006, 2010) afirma que a consciência é causada por processos neurobiológicos no cérebro de seres humanos e de determinados animais, consistindo em estados internos, qualitativos e subjetivos de sensibilidade ou ciência. De modo geral, a consciência serve para organizar um conjunto de relações entre o organismo e o ambiente, como também entre o organismo e seus próprios estados internos. Em termos práticos, Searle afirma que esse estado consciente começa de manhã logo ao acordar de um sono sem sonhos e se estende por todo o dia até que o sujeito volte a dormir novamente, ou que o mesmo se torne de alguma maneira inconsciente (como por exemplo, entre num estado de coma), ou morra. Searle acredita que o sono com sonhos se assemelha de alguma forma a um estado consciente.

É importante mencionar que o conceito de consciência em Searle não se confunde com os conceitos de autoconsciência, atenção e cognição. A *autoconsciência* é um estado de consciência auto-referencial, uma forma extremamente sofisticada de sensibilidade e ciência presente apenas nos seres humanos. A autoconsciência pode ser exemplificada pelo sentimento consciente de “vergonha”, que exige que o agente esteja consciente de si mesmo. Para o filósofo, a *atenção* é um fenômeno mental que permite dirigir o seu foco para um determinado elemento, enquanto nesse mesmo instante também há outros elementos que estão em sua periferia. Como exemplo, podemos citar uma leve dor no braço esquerdo que sinto e sei que incomoda, mas que não está no centro de minha atenção no momento. O autor ainda enfatiza a distinção entre “prestar atenção a” e “estar consciente de”, mostrando que esses estados são facilmente confundidos. Quanto ao aspecto cognitivo, a *cognição*, Searle afirma que muitos dos estados de consciência não têm nada a ver com a apreensão do conhecimento.

4 CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA CONSCIÊNCIA

John Searle (2006, 2010) apresenta algumas características estruturais da consciência que ele considera importantes, quais sejam: a subjetividade; a unidade; a intencionalidade; a distinção entre centro e periferia da consciência; a estrutura gestáltica da experiência consciente; aspectos da familiaridade; o humor; as condições limitantes.

Existe uma enorme dificuldade em descrever a *subjetividade*, o que torna este conceito um dos maiores embaraços filosóficos no que se refere à consciência. De acordo com Searle (2006, 2010), para se estudar cientificamente a consciência, é necessário estabelecer parâmetros epistêmicos objetivos capazes de dar conta de um domínio ontologicamente subjetivo. É através da subjetividade que percebemos o aspecto *sentir-se-como* dos estados conscientes no que se refere ao prazer e ao desprazer. Como exemplo, podemos citar a dor. Como explicar um pensamento que acontece subitamente, que não se expressa por palavras e nem por imagens, mas que ocorre em desdobramento de sensações, agradáveis ou desagradáveis?

A *qualidade*, por sua vez, é produzida por experiências conscientes diferentes, causando no indivíduo singularidades de impressão própria. Para o filósofo Searle, o termo “*qualia*” equivale aos estados de consciência. Cada experiência consciente produz uma impressão, que é percebida pelo sujeito, em primeira pessoa, como *qualia*. O termo *qualia*, portanto, é para Searle apenas uma designação coletiva dos estados de consciência (Searle, 2006). Para melhor exemplificar o *qualia*, Searle cita a “dor”, que é um estado subjetivo e que apenas o indivíduo pode sentir, assim como os pensamentos de preocupação por causa da dor também são *qualia*.

A *unidade* é outra característica da consciência, que Searle descreve em duas dimensões. A primeira se refere à organização das experiências conscientes por curtos períodos de tempo, uma espécie de “presente recordado”, que se dá numa dimensão horizontal; podemos citar o exemplo de alguém que quando começa a contar uma longa história, continua ciente das palavras narradas no início da mesma história (através de uma espécie de memória icônica ativada), mesmo quando estiver terminando de narrá-la. Já na dimensão vertical, a unidade é identificada no fato de se estar ciente simultaneamente de todas as outras características de consciência presentes numa determinada cena unificada. Searle (2006) lembra que Kant denominou este fenômeno de “a unidade transcendental de

apercepção”. Sem essa junção da unidade vertical e horizontal simultaneamente ativada, não poderíamos compreender os sentidos normais como parte de uma experiência unificada.

A *intencionalidade* é mais uma característica da consciência, que é identificada por psicólogos e filósofos (incluindo o próprio Searle) como um estado naturalmente intrínseco à mente. A intencionalidade se refere ao aspecto da consciência de estar sempre direcionada a algo, a alguém, ou seja, de ser “a cerca de”. A intencionalidade é viabilizada pelas sensações, numa espécie de representação de direção da mente, mesmo que o objeto intencionado seja uma ilusão. Todo estado intencional é *aspectual*, ou seja, a mente intencional sempre vê através de um aspecto determinado. Para além da consciência, há também estados intencionais inconscientes, que Searle (2006) define como estados potencialmente conscientes. É a característica da intencionalidade, portanto, que viabiliza a interação do ser biológico no mundo, ativando também seu comportamento na busca de satisfação, estabelecendo relações com o outro e com os objetos. Alguns exemplos básicos de intencionalidade são: fome, crenças, desejos, entre outros. Searle enfatiza que nem todos os estados conscientes são *intencionais*, assim como nem toda intencionalidade é consciente. Como exemplo de estado consciente não- intencional, ele cita a ansiedade difusa,- a exemplos de estados intencionais não conscientes como; as crenças, os desejos e intenções inconscientes..

A *distinção entre centro e periferia* ocorre em meio ao que o autor chama de ‘campo unificado da consciência’; é neste campo unificado que estabelecemos uma distinção entre o foco da atenção e os outros elementos adjacentes. Dependendo do grau de importância do objeto numa determinada cena unificada, é possível mudar o foco da atenção a qualquer momento. Em outras palavras, o autor enfatiza que os elementos localizados na periferia da atenção continuam dentro do campo unificado da consciência, sendo necessário apenas querer mudar de atenção de um aspecto para outro a qualquer momento, por exemplo, sei que estou com minha carteira no bolso, mas neste momento não estou prestando atenção nela. Mas posso voltar minha atenção para a bolsa e carteira quando quiser.

É também neste campo unificado que a *gestalt* entra, como a estrutura figura-fundo, mostrando as dimensões mais gerais da consciência. Tudo o que é focado no campo de atenção se apresenta contra um pano de fundo que não é o centro da mesma. A *gestalt* trabalha com o modelo de experiências estruturadas na mente, de maneira que estas não dependem apenas dos estímulos externos, dado que a percepção em geral é organizada internamente. O autor defende que o cérebro possui muitas capacidades, inclusive a de organizar estímulos perceptivos degenerados em formas perceptivas conscientes e coerentes,

mesmo com base em estímulos extremamente limitados. O filósofo o Searle chama a atenção para fato de que nossas percepções normais são sempre estruturadas; numa espécie de graduação de importância, desde as formas indefinidas aos objetos e características de objetos, tudo isso num ato normal de *ver como* e em todo ato de *perceber como*, dado que a *consciência* é consciência de algo como tal sobre esta característica Searle menciona dois aspectos; a primeira é a estrutura figura-fundo da percepção e da consciência em geral, a segunda; é a organização das experiências conscientes perceptivas.

O senso de *familiaridade* está na consciência em graus variáveis, advindas da percepção ordinária das experiências. Para Searle (2006), todo ato de percepção envolve ‘perceber como’ e, de modo mais geral, toda ‘consciência de’ é ‘consciência como’. Para exemplificar melhor este aspecto de familiaridade, o autor mostra que esta característica acontece de maneira escalar, onde na superfície da escala ficam os objetos, cenas, pessoas e visões da vida cotidiana mais comuns. Logo mais abaixo ficam as cenas, objetos e pessoas já não são tão comuns, porém, com certa facilidade de reconhecimento. E mais abaixo ainda, estão cenas menos reconhecíveis; neste último caso, podemos citar as cenas representadas em pinturas surrealistas, por exemplo. A perda de familiaridade pode acontecer em casos patológicos mais extremos, a exemplo de alguns transtornos neurológicos.

É esse aspecto de familiaridade que categoriza e organiza todas as experiências, diz Searle (2006), formando um corolário natural que organiza a percepção, tornando-as pré-existentes na consciência e coerentes entre si. Searle explica a cadeia estruturada desde a percepção até a característica de familiaridade:

Experiências conscientes apresentam-se a nós como estruturada, essas estruturas permitem-nos perceber coisas sob aspectos, mas esses aspectos estão sujeitos ao domínio, por nossa parte, de um conjunto de categorias, sendo familiares, permitem-nos em graus variados, assimilar nossas experiências, por mais originais que sejam, ao familiar (SEARLE, 2006, p. 196).

Já o *humor*, diferentemente das emoções, não está condicionado necessariamente a uma satisfação do prazer e do desprazer. Os estados de humor se caracterizam por serem difusos e simples, sem nenhuma intencionalidade essencial. Segundo Searle (2006), o humor tem mais a ver com o estado de espírito, fornecendo certa tonalidade aos estados conscientes das experiências presentes. É melhor percebido quando há mudanças drásticas, sendo característica dos humores permearem todas as experiências conscientes; mesmo que se apresentem numa tonalidade neutra, isto não significa que não haja nenhum humor. O autor

acredita, ainda, que o humor pode ter uma base química, o que explicaria sua modificação através da aplicação de algumas drogas no cérebro, a exemplo dos psicotrópicos antidepressivos.

A dimensão *prazer/desprazer*, por sua vez, possui muitas subdivisões. Em cada experiência vivenciada é sempre possível identificá-la como sendo prazerosa, dolorosa, desagradável, neutra e assim por diante. Searle (2006) entende, portanto, que há uma escala de variáveis entre os extremos de prazer e desprazer. Um exemplo é ficar entediado durante o êxtase sexual ou feliz durante uma dor física, como a felicidade da mãe durante um parto.

As *condições limitantes* se apresentam como uma das características da consciência que se refere ao “posicionamento”, ou seja, que diz respeito a como os estados conscientes são experimentados como parte de uma determinada situação ou localização espaço-temporal-sócio-biológica. Aqui são incluídas informações do tipo: ano, mês, horas, estação do ano. Estas condições podem ser melhor observadas em alguns distúrbios clínicos, como quando alguém vivencia um sentimento de desorientação devido a uma amnésia temporária, por exemplo.

Já o *transbordamento* refere-se a quando, num determinado estado consciente, há algo mais que seu conteúdo imediato, isto é, o estado mental atual tende a extravasar, ligando-se a uma somatória de outros pensamentos, numa espécie de extensibilidade. Esta característica é identificada quando há uma súbita compreensão de algo que possivelmente já sabíamos, como num lampejo de consciência. Por exemplo, sabemos que todos iremos morrer algum dia, mas quando vivenciamos a morte de um ente próximo, logo nos lembramos que certamente morreremos um dia, isto é, percebemos a ausência da pessoa e o peso da finitude da vida. Neste caso, a finitude é algo que já sabíamos, mas que subitamente nos vem à consciência em tais ocasiões.

A *conexão entre consciência e intencionalidade*, segundo Searle (2006), ocorre porque a intencionalidade está presente em todo fenômeno mental que possui conteúdo referencial, o que inclui todas as crenças, esperanças, medos, desejos, percepções, etc. No entanto, Searle (2006) considera que nem todos os estados conscientes são intencionais (por exemplo: o estado de ansiedade difusa ou o humor depressivo podem ser conscientes sem apresentar qualquer ligação com representações conscientes), como também nem toda intencionalidade é consciente (a maioria de nossas crenças, por exemplo, são intencionais, mas não estão presentes na consciência neste momento).

As *modalidades finitas* referem-se ao número limitado de modalidades sensoriais relacionadas com a consciência, o que inclui os cinco sentidos (visão, audição, olfato, tato e

paladar), além do “sentido do equilíbrio”, da propriocepção e do fluxo de pensamento. Palavras e imagens são elementos utilizados pelo fluxo de pensamentos, porém, o autor também chama atenção para os pensamentos que fluem em elementos que não são verbais e nem imagéticos, a exemplo de um lampejo. Estas formas de pensamento citadas pelo filósofo, inclui sentimentos, o que Searle (2006) entende por “emoção”, a exemplo das ondas repentinas de raiva, desejo, saudade. Segundo o filósofo, estas são formas desenvolvidas durante a história evolutiva da espécie humana.

5 O CONCEITO DE “BACKGROUND”

Searle defende que toda representação, seja em linguagem, pensamento ou experiência, somente obtém êxito no ato de representar, dado um conjunto de capacidades não-representativas, o que ele chama de *Background*. Neste sentido, Searle afirma:

O *Background* consiste em capacidades mentais, disposições, atitudes, modos de comportamento, *know-how*, *savoir faire* etc., todos os quais só podem ser manifestos quando há alguns fenômenos intencionais, como uma ação, uma percepção, um pensamento etc., todos eles intencionais (Searle, 2006, p. 280).

O filósofo entende que o significado literal de “Background” também está por trás do significado intencional do falante, assim como das formas de intencionalidade não-lingüísticas. O autor promove indagações do tipo: como pessoas num mesmo contexto, diante das mesmas experiências, dão significados diferentes para a mesma expressão? O filósofo, então, afirma que existe uma realidade, e se não a interpretarmos de maneira própria e condizente com suas formas peculiares de satisfação, sofreremos nós mesmos tais conseqüências da má interpretação ou da boa interação e coerência com a realidade apresentada. E é, diante da intrincada rede cerebral, que encontramos os primeiros indícios de individualidade em comportamentos, emoções, sentimentos, desejos, que se configuram de maneiras tão diversas e jamais se assemelham por inteiro quando comparados a outros da mesma espécie. Literariamente, há um universo inteiro em cada um de nós.

6 CONCLUSÃO

A filosofia da mente oferecida por John Searle realmente se distingue das posições tradicionais neste campo, pois nos mostra que, para se estudar cientificamente a consciência, é necessário estabelecer parâmetros epistêmicos objetivos capazes de dar conta de um domínio ontologicamente subjetivo. Refutar toda uma tradição filosófica e científica de investigação, tanto materialista quanto dualista não é uma tarefa fácil. O autor trabalha com a inserção da subjetividade dos aspectos mentais no interior de uma concepção científica de mundo, mostrando que o estudo científico e objetivo da consciência é tão plausível quanto o estudo de qualquer outro objeto. Para Searle, a subjetividade, a intencionalidade e a qualidade são características intrínsecas da consciência, ou seja, se apresentam como aspectos da realidade que devem ser considerados seriamente pelos estudiosos e incluídos nas investigações científicas sobre a mente.

De acordo com Searle (2006), a evolução biológica produziu tipos de sistemas complexos, como é o caso do cérebro humano e de alguns animais. Tais estruturas ainda não foram totalmente desvendadas pela ciência objetiva, que por sua vez também ignora as concepções subjetivas, uma vez que estas últimas ainda carregam o estigma do misticismo ou espiritualidade decorrente da divisão mente/corpo. Para alguns, é como se tudo o que é subjetivo estivesse na esfera da alma, ou seja, pertencesse ao espírito, e não ao corpo material.

Na concepção de Searle, a negligência de não considerar e estudar os fatores subjetivos, concernentes à natureza humana, nos leva a um déficit de entendimento, que desencadeia um desequilíbrio na ação humana, por torná-la demasiadamente mecanicista. É por isso que o Behaviorismo e o Funcionalismo são alvos de críticas por parte do filósofo. Se limitarmos a nossa compreensão da mente aos resultados dos estudos apresentados pelas correntes materialistas tradicionais, podemos concluir que o ser humano é tão somente um ser manipulado por estímulos e respostas, ou um ser determinado pelos fatores bioquímicos da natureza.

Por outro lado, a concepção filosófica acerca da consciência oferecida por John Searle, não utiliza nenhuma das categorias tradicionais de “dualismo”, “monismo”, “fiscalismo” ou “materialismo”. O filósofo acredita que estas categorias mencionadas anteriormente estão obsoletas e que apenas nos levam à conservação da tradição dualista ou materialista. Tais categorias não dão conta de dimensionar os fenômenos dos estados mentais conscientes, pois estes são irreduzíveis a uma realidade objetiva, mesmo que estes fenômenos sejam causados e

realizados dentro do cérebro, podendo ser caracterizados de maneira epistêmica; porém, os efeitos da causação (que são subjetivos) só podem ser acessados na perspectiva de primeira pessoa, sendo, portanto, ontologicamente irreduzíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SEARLE, J.R. **O mistério da consciência**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SEARLE, J.R. **A redescoberta da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SEARLE, J.R. **Consciência e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

